

## Sertanistas se aproximam das aldeias dos gigantes

O sertanista Cláudio Villas Boas, encarregado da pacificação dos kranhacãcore — os índios gigantes — concluiu esta semana a construção de uma pista de pouso, nas margens do braço sul do Rio Peixoto de Azevedo, e continua agora a caminhada com sua expedição no rumo Sul, na vanguarda das turmas de topografia do 9.º Batalhão de Engenharia de Construção, que está fazendo o levantamento da BR-165, Cuiabá-Santarém.

LO-19 passará a prestar um apoio mais eficiente, transportando também pessoas além de cargas. A construção do campo de pouso foi vital para o prosseguimento das missões da Funai e do 9.º BEC, uma vez que ele proporcionará uma ligação mais efetiva entre a frente de serviço e a base de Cachimbo, onde descem os "Búfalos" da FAB, que levam constantemente grande quantidade de combustível, alimentos, remédios e pessoal para a construção da Cuiabá-Santarém.

### CONTATOS EM MAIO

Depois de constatada a fuga dos kranhacãcore de aldeia pequena os irmãos Villas Boas modificaram os planos de contatos, que agora só deverão ser feitos em meados de maio. Como a aldeia maior está distante do traçado da estrada, os sertanistas decidiram chegar até ela pelo Rio Peixoto de Azevedo. A expedição deverá atingir as margens desse rio dentro de mais uns 20 dias. Ai, os índios aculturados deverão construir duas ou três canoas grandes para descer o rio até as proximidades da grande aldeia, onde abrirão na margem oposta uma clareira para acampamento e outra para deposição de presentes para os kranhacãcore.

— Ai, o nosso trabalho será apenas esperar que os índios proponham o contato — diz Orlando Villas Boas. Nós ficaremos em nosso acampamento fazendo algazarra e cantando bastante para mostrar aos kranhacãcore que estamos em missão de paz. Nessa fase do trabalho, é importante que tenhamos bastante gente no acampamento para que os índios nos respeitem e não pensem em atacar.

Orlando não acredita que os índios fujam desse contato por duas razões:

— Primeiro, porque eles não têm muito para onde fugir. Estão encurralados de um lado pela estrada e de outro pelo Rio Peixoto de Azevedo, que eles não podem cruzar por não disporem de canoas. Segundo, porque, até lá, eles terão recebido muitos presentes nossos e já estarão nos admitindo como amigos.

### ALDEIA ABANDONADA

Uma pequena aldeia de cinco malocas, situada a mais ou menos 6 quilômetros do traçado da BR-165, foi abandonada pelos kranhacãcore. Até meados do mês passado os índios dessa aldeia receberam diversos presentes lançados pelo avião de reconhecimento da FAB. O próprio piloto que fez os lançamentos observou que os índios pareciam contentes, ao receber os presentes.

Entretanto, de uns dias para cá, o piloto observou que a aldeia está deserta. Orlando Villas Boas acredita que os habitantes da aldeia — calcula-se que fossem aproximadamente 100 índios — tenham recuado para outra taba maior, ante a aproximação dos civilizados. A fuga dos kranhacãcore, apesar de preocupar os sertanistas pela demonstração de que esses índios são mesmo muito arrelhosos, é considerada fato positivo para a expedição, pois um dos objetivos dela era exatamente afastar do rumo da estrada os habitantes dessa pequena aldeia.

A aldeia maior (fotografada pelo enviado especial do Estado em janeiro) não oferece grandes problemas para o avanço da estrada, pois está situada a aproximada-

mente 40 quilômetros de seu traçado.

Ontem, a expedição se encontrava a aproximadamente 10 quilômetros do campo recém-aberto e a menos de 25 quilômetros de uma pequena aldeia dos kranhacãcore. O sertanista, que esperava manter contato com esses índios nos próximos dias, acredita agora que o encontro só deverá ocorrer dentro de um mês. Isso porque recentes observações aéreas feitas da pequena aldeia indicam que os índios abandonaram e devem ter-se refugiado em uma outra aldeia maior, da mesma tribo, distante aproximadamente 40 quilômetros a oeste do rumo da BR-165.

### O CAMPO DE POUSO

Situado a 55 quilômetros ao sul de Cachimbo, que até a semana passada era a única base de apoio para a expedição e turmas de topografia, o campo de pouso com 350 metros de comprimento e 25 de largura foi aberto com facões e machados pelos 38 índios aculturados que compõem a expedição, com a ajuda de integrantes

das turmas de topografia do 9.º BEC.

Os trabalhos de construção do campo de pouso demoraram mais de um mês por causa das dificuldades de derrubada da mata e, principalmente, da remoção de toras e destocamento. Logo após a derrubada o campo começou a ser utilizado para lançamento de cargas pelo pequeno LO-19 da FAB, que desde janeiro está efetuando vôos de observação e apoio ao pessoal da Funai e do 9.º BEC. Antes da abertura do campo, o monomotor lançava suas cargas em pequenas clareiras feitas pelo pessoal da topografia. Apesar de possuir dispositivo próprio para lançamento de fardos — ganchos móveis sob as asas — e de ser pilotado por oficiais experientes, o pequeno avião nem sempre conseguia lançar suas cargas exatamente sobre as clareiras, devido a problemas de vento e da limitação imposta pelas árvores altas aos vôos rasantes.

Com a derrubada da mata, numa extensão de 350 metros, o pequeno avião não perdeu mais nenhum lançamento de fardos. Na próxima semana, quando o campo estiver homologado pela FAB, o

Foto da FAB



O campo de pouso já está pronto, a 55 quilômetros ao sul de Cachimbo

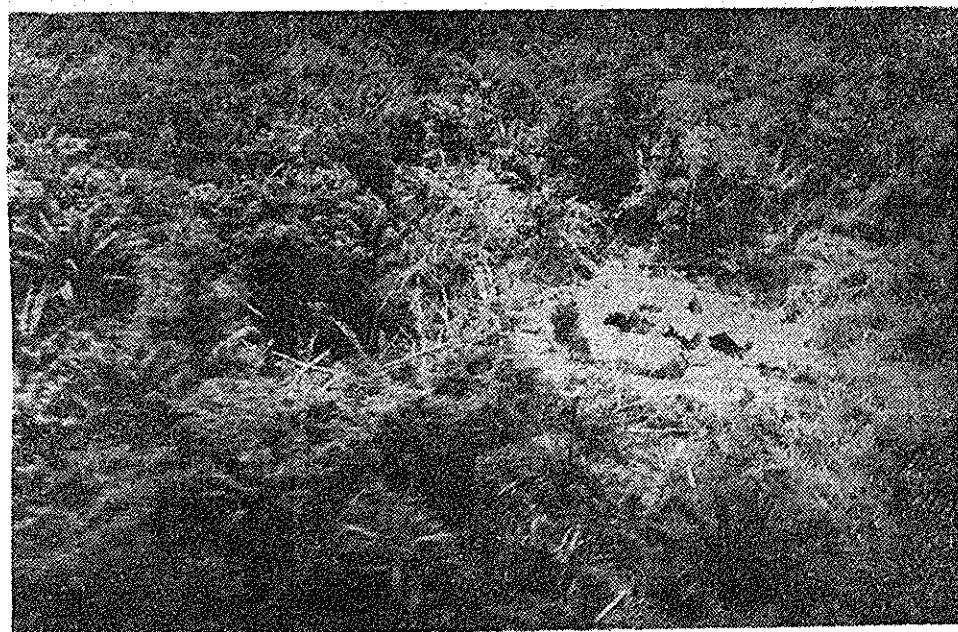


Foto da FAB

Os índios abandonaram a aldeia mais próxima, a 30 quilômetros do campo